

GARCIA, R. C.. *Identidade Fragmentada: Um Estudo Sobre a Educação Brasileira (1993-2005)*. Brasília: INEP, 2007.

NADAI, E.. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 1, n.25/26, p, 143-162, set. 1992/ago. 1993.

NUNES, C.. O Ensino das Africanidades no Cariri Cearense. *Revista África e Africanidades*, v. 4, n.14/15, 2011.

BITTENCOURT, C. M. F.. *Ensino de História: Fundamentos e métodos*, São Paulo. Cortez Editora, 2004.

CHAGAS, W. F.. A Cultura Afro-Brasileira no Currículo de História: A formação do cante e a prática na sala de aula. In: XIII Encontro Estadual da ANPUH História e Historiografia: Entre o Nacional e o Regional, 2008, Guarabira. *Anais do XIII Encontro Estadual da ANPUH História e Historiografia*, Campina Grande : EDUFCEG, 2008. v. 1. p. 1-9.

ROCHA, L. C. P.. *Políticas Afirmativas e Educação: Lei 10.639/03*. 2007. (Curso de curta duração ministrado/Especialização).

RIBARD, F. . África, Mãe Negra do Brasil ou apontamentos para uma nova consciência multicultural. In: Kênia Sousa Rios; João Ernani Furtado Filho. (Org.). *Em tempo: história, memória e educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

## AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS BRASILEIRAS NA PRÁTICA DO ESPIRITISMO NO BRASIL

*Reginauro Sousa Nascimento*

Programa de Pós Graduação em Educação-Faced-UFC  
E-mail: reginaurosousa@gmail.com

*Maria Neurilane Viana Nogueira*

Programa de Pós Graduação em Educação-Faced-UFC  
E-mail: neurilaneviana@yahoo.com.br

### Introdução

O processo de povoamento das terras brasileiras pelos portugueses, como afirma Freyre (1933) em *Casa Grande e Senzala*, uma das mais importantes contribuições para o estudo da formação cultural brasileira, acabou por tomar outros rumos em decorrência da *escassez de mulheres brancas entre os conquistadores*. Desse fato resulta a miscigenação largamente praticada nos primeiros momentos da colonização e que contribuíram para diminuir a distância entre os colonizadores portugueses e os negros.

Segundo Freyre (id. Ibid.), a colonização patriarcal praticada no Brasil, ao mesmo tempo que marcava a imposição imperialista da raça superior sobre a selvagem, representava também uma contínua adaptação daquela às novas condições de vida e de ambiente. Um processo semelhante ao que ocorrerá em outros processos coloniais e que no Brasil vai significar um dos traços mais marcantes da formação de nosso povo, a miscigenação.

Esse modelo de sociedade que se instaura no Brasil, a partir da casa-grande e adorna de peculiaridades os aspectos mais tradicionais da cultura portuguesa, que tentava se sobrepôr ao dos nativos, definirá a nossa forma de pensar, ver e viver o mundo. Com um jeito estritamente original, que não é europeu, não é africano e nem mesmo indígena, se fez e faz brasileiro. Uma nova cultura que nasce e se estabelece na integração entre três povos distintos, mas que vão se fundindo em um todo harmônico, ao ponto de suplantarem quase que completamente, qualquer possibilidade de manutenção da pureza completa de qualquer uma dessas culturas.

Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil* (1995), faz uma abordagem mais crítica dessa formação cultural e discute as heranças negativas deixadas pelos povos hispânicos e portugueses na América do Sul principalmente no que se refere a predisposição para o trabalho. Em contrapartida, a obra mostra também a influência dos jesuítas na formação de um senso de disciplina e obediência que, segundo o autor, nem mesmo as tiranias, ditaduras, ou Estado totalitário seria capaz de realizar.

Todavia, nem mesmo essa supremacia dos costumes católicos, impostos aos ditos primitivos através das missões jesuíticas, resistiu a essa aproximação e integração cultural. Os seus ritos e dogmas, extremamente fechados e rígidos, pouco a pouco foram ganhando novas cores, ritmos e costumes no contato com os ritos africanos e as crenças indígenas. Vai dando origem a uma nova forma de catolicismo evidenciando por Freyre: *Nas canções de acalanto portuguesas e brasileiras as mães não hesitaram nunca em fazer dos seus filhinhos uns*

*irmãos mais moços de Jesus*. Até mesmo comunicações com espíritos de mortos, que são proibidos pela igreja, se tornaram comuns nas casas-grandes. (id.ibid. VIII, 1ª edição)

Certamente essas modificações culturais se deram de parte a parte, afetando também os costumes e crenças dos negros e dos índios. É desse lugar que partiremos, analisando os traços característicos dessa formação cultural, bem como refletindo sobre suas matrizes geradoras, e fazendo um paralelo com a prática do Espiritismo no Brasil. Uma doutrina de origem francesa, que surge no berço do iluminismo em meados do século XIX, apogeu de grandes transformações no pensamento científico e filosófico do mundo ocidental.

O Espiritismo é uma doutrina organizada pelo pedagogo francês Denizard Rivail, adotou o pseudônimo Allan Kardec em toda sua obra literária decorrente das pesquisas em torno dos fenômenos paranormais, por entender que a obra não era sua, mas dos Espíritos que ditavam as respostas aos seus questionamentos através de inúmeros médiuns.

Buscaremos nesse ensaio, inspirados nas contribuições Gilberto Freyre e Sérgio Buarque para o entendimento da cultura brasileira, compreender as transformações ocorridas na prática do Espiritismo após sua chegada ao Brasil, sofrendo as influências de nossa cultura.

### O Espiritismo no Contexto Histórico do Pensamento Europeu

Para entendermos o Espiritismo, isentos das peculiaridades culturais que caracterizem sua prática, não podemos

preferir de um estudo histórico sobre o contexto em que o mesmo se deu e as influências de que estavam investidos seus sujeitos. (INCONTRI, 2004)

A Doutrina Espírita, como também é conhecida no Brasil, é o resultado de um compêndio de experiências realizadas por Allan Kardec, que tem por base filosófica a crença na imortalidade da alma, na existência de Deus, a comunicabilidade entre o mundo espiritual e o físico, nas vidas sucessivas ou reencarnação e na vida em outros planetas. Estes estudos foram publicados em cinco livros organizados e publicados por ele e constituem a base da doutrina. São eles: O livro dos espíritos; O livro dos médiuns; O evangelho, segundo o Espiritismo; Gênese e O céu e o inferno, publicados entre 1857 e 1865.

A Europa do século XIX estava marcada pelo o que chama Incontri (id. ibid.51), *inchaço do pensamento*, momento marcado pelo surgimento de grandes idéias e sistemas que se pretendiam solução finalista aos problemas do mundo, detentora da verdade, *instrumento absoluto para conhecer o mundo e atuar sobre ele* (id. Ibid. p. 51). Para ela toda essa onda de correntes científicas e propostas filosóficas podem ser resumidas, a grosso modo, em três setores distintos: a valorização do método científico, o evolucionismo em todos os setores e a proposta de melhoria social.

Morre deus (pois Nietzsche declarou sua morte), acaba a razão proclama-se o fim da história, desconstrói-se a ciência. Não há mais possibilidade de verdades, de certezas, sequer de conhecimento seguro. Tudo se esvai, cai no vazio. E, por

isso, também os valores se quebram. Tudo é relativo, nenhum princípio é universal e eterno. (INCONTRI, ANO 2004, p. 54)

É em meio a essa corrente de pensadores que se esforçava em criar um cenário favorável a construção de uma base científica sólida e que pudesse de vez calar o discurso absolutista da Igreja sobre o que se cria como verdade, que surge o Espiritismo, definido por Allan Kardec (1997), como ciência e filosofia: *Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.*

Uma vez que a teoria criacionista, bem como tudo aquilo que fosse relativo a revelações místicas, dogmas inquestionáveis, mistérios sagrados e ocultos, foram ganhando a completa rejeição de uma sociedade bem mais sequiosa por respostas. Era necessária uma doutrina que se propusesse a pensar Deus e o universo sem descartar as descobertas da ciência. Mas fazendo claro combate ao niilismo que ganhava cada vez mais seguidores no seio da sociedade européia, a partir dos pensadores positivistas.

O materialismo é um fenômeno recorrente na história do pensamento, remontando ao atomismo e epicurismo gregos, ao averroísmo medieval e ao mecanicismo moderno, mas atinge uma culminância no século XIX como movimento filosófico, e passa, no século XX, a movimento cultural de amplas proporções. É uma doutrina segundo a qual não existe outra substância no universo além da matéria, opondo-se ao espiritualismo, que tem no espírito a substância de toda a realidade.

Materialismo e espiritualismo são doutrinas ontológicas sobre a natureza do ser ou da realidade. O materialismo rejeita a existência da alma e de Deus, recusa-se a considerar a especificidade do psíquico, atribuindo a existência e produção de uma idéia a uma reação físico-química do cérebro. (VALLE, 2004, p. 208)

Ainda segundo Kardec(1997), dentro dessa lógica de estabelecer uma nova doutrina, mas que em linhas gerais não se trataria de mais uma religião, o Espiritismo viria servir de instrumento para combater o materialismo, apontado como um mal à humanidade. Fazendo-se portanto, recurso pedagógico para religiosos, de qualquer denominação, nos embates contra as ideias ateístas através de respostas mais racionais e não mais baseadas em pontos de fé que não podem ser questionados.

(...) Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções: católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seu culto, quando não são repelidos pela Igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e brâmanes. (KARDEC, 1997, p. 90)

Kardec enfatiza em sua obra o aspecto científico conferido à nova doutrina: *Somos, antes de tudo, uma Sociedade científica de estudos* (1860). Mesmo na única dentre suas obras declaradamente de natureza religiosa, *O evangelho segundo o Espiritismo*, ainda encontrava espaço para situar o

espiritismo enquanto ciência: *O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo* (2008, p. 27).

### Ciência ou Religião?

Definir o que verdadeiramente é o Espiritismo é algo que divide opiniões até os dias de hoje entre seus próprios seguidores, que se apegam em trechos isolados para defender ou refutar a hipótese de ser também a doutrina, uma religião. Para Incontri (Id.Ibid. 84), *a posição de Kardec ainda não foi compreendida pela maioria e uma das provas disso esta no debate ainda atual se o espiritismo é ou não é religião*.

A obra espírita mais lida no Brasil é *O evangelho segundo o Espiritismo*, lançado em 1864 sob o título de *Imitação do evangelho*. O livro trás passagens do Novo Testamento comentadas por ele e por Espíritos que se identificam como grandes luminares da história da humanidade, muitos pertencentes à própria Igreja, como é o caso de Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, João o Evangelista e muitos outros. Sua procura já é um indicativo das peculiaridades que o movimento tomou em nosso país, uma vez que para o entendimento da Doutrina, o fundamental é inicialmente a leitura de *O livro dos Espíritos*, que traz todo o suporte filosófico para o entendimento das demais obras e que não recebe a mesma atenção.

Em *O que é o Espiritismo*, uma espécie de obra introdutória ao estudo da doutrina espírita, Kardec, além de ou-

tras coisas, simula diálogos com personagens que ilustram as principais argumentações contrárias ao Espiritismo naqueles primeiros momentos de seu aparecimento. São eles: o crítico, o cético e o padre. É nessa obra que se encontram algumas colocações utilizadas de parte a parte para defender o caráter científico e religioso da doutrina.

O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência e não se ocupa com questões dogmáticas. Essa ciência tem conseqüências morais como todas as ciências filosóficas (...). Algumas pessoas estão enganadas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo. (KARDEC, 1997, p. 89)

Com o passar dos anos o próprio Kardec vai ensaiando uma definição sobre o que é o Espiritismo e, portanto, em vários momentos oferecerá rico material para os que quiseram interpretar apenas como ciência e aqueles que quiseram evidenciar-lhe somente o aspecto religioso. Estudando toda a sua obra, perceberemos seu tríplice aspecto, o científico, o filosófico e o religioso, ou moral, como preferem alguns.

Essa discussão parte de olhares pontuais sobre alguns pronunciamentos de Kardec na Revista Espírita, editada por ele mesmo, onde afirmara não ser a doutrina espírita religião. Talvez em virtude do contexto histórico. Mas, é também observando o mesmo periódico, principalmente após o ano de lançamento de O evangelho segundo o Espiritismo, que vamos perceber a mudança desse discurso, ganhando cores cada vez mais cristianizadas: *Proclamamos claramente a possibilidade e a necessidade desse acordo, porque, em nossa opinião, a ciência e a religião são irmãs para a maior glória de*

*Deus, e devem se completar uma pela outra, em lugar de se desmentir uma pela outra.* (KARDEC, 1864, p. 7)

E ainda afirmaria alguns anos depois, no mesmo periódico *o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! Sem dúvida, senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos.* (Id.Ibid. p.6)

Analisando a estrutura didática de O livros dos Espíritos tem-se um bom indicativo de a que se propõe o Espiritismo. A obra é dividida em quatro partes: Livro primeiro- As causas primárias; Livro Segundo- Mundo Espírita ou Dos Espíritos; Livro Terceiro- As leis Morais; Livro Quarto- Esperanças e Consolações. Se nas duas primeiras partes do livro, os espíritos, respondendo aos questionamentos de Allan Kardec, trataram de assuntos, de ordem filosóficas ou científicas, na segunda metade o caráter religioso da nova doutrina fica evidente. Assuntos como adoração, caridade, prece, ressurreição, inferno, dentre outros, serão abordados sugerindo aos espíritas uma conduta mais cristã diante da vida. A propósito, os Espíritos chegam a indicar Jesus como modelo e guia para a humanidade (KARDEC, 2001)

### O Contexto da Formação Cultural Brasileira

Apesar das missões jesuíticas ao Brasil no processo de colonização e todo o poder da igreja e sua influência nas grandes cortes, o que tivemos aqui foi um processo informal de estruturação sócio-econômica, através do patriarcalismo observado na *casa-grande*. Os senhores de engenhos vencem os jesuítas

e passam a dominar a colônia, praticamente sozinhos, com maior poder até que os vice-reis e os bispos (FREYE, 1933).

Foi nesse ambiente de extrema miscigenação, que poderíamos dizer, nasceu a cultura brasileira. E os traços característicos daquela trazida pelo colonizador foram pouco a pouco se modificando, dentre estas, a prática religiosa. Os santos viraram parte da família e passaram a dividir espaço com os mortos que tinham seus quadros colocados lado a lado, em pé de igualdade. *O menino Jesus só faltava engatinhar com os meninos da casa; lambusar-se na geléia de araquá ou goiaba; brincar com os moleques.* (id. ibid. IX, 1ª edição)

Sérgio Buarque de Holanda (1995) diria que Jesus, Santa Maria e qualquer outro santo são colocados nesse contexto como criaturas humanas sem qualquer privilégio que não fosse permitido aos ditos mortais. Até Deus vira um amigo íntimo, muito próximo mesmo de toda a família.

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provem ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux- santa Teresinha- resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto(...). É o que também ocorreu com nosso Menino Jesus, companheiro de brinquedo das crianças e que faz pensar menos no Jesus dos evangelhos canônicos do que no de certos apócrifos(...). Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo.

Nesse sentido, o ambiente cultural brasileiro, se faz mais propício ao Espiritismo do que qualquer outra cultura. Dentro das instituições espíritas não há nenhum tipo de hierarquia pré-estabelecida por qualquer condição que venha a ocupar ou exercer um adepto. Somente entre os espíritos há uma hierarquia e esta estar condicionada ao grau de evolução de evolução de cada um. Sendo que para os Espíritas, todos os Espíritos um dia serão perfeitos.

A própria definição do brasileiro, dado por Sérgio Buarque (Id.Ibid.) como sendo a nossa contribuição para a humanidade, *o homem cordial*, encontra na proposta religiosa do Espiritismo completa harmonia de propósitos. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, uma mensagem assinada pelo espírito Lázaro, com o título *A afabilidade e a doçura* traz a seguinte definição de benevolência: A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que são a sua manifestação. Entretanto, nem sempre se deve fiar nas aparências, pois a educação e o traquejo do mundo podem dar o verniz dessas qualidades(...) (KARDEC, 2008, p. 96).

Não conhecemos nenhuma relação do autor com o Espiritismo para dizer que de alguma forma poderia ele ter se inspirado nessa mensagem para fazer a sua definição do que chamou de *homem cordial* como sendo a definição do próprio jeito de ser do brasileiro. Deixemos então que ele mesmo o faça:

(...) *A contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade- daremos ao mundo o “homem cordial”.*

A ilhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro (...). Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (HOLANDA, 1995, P. 146/147)

Certamente essas características do povo brasileiro, evidenciadas na obra de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque, serão relevantes ao estudo de todo e qualquer movimento estrangeiro que tenha vindo se instalar no Brasil. Apesar das interpretações bem distintas que alguns estudiosos farão sobre “o homem cordial”, não podemos negar que essa marca patente de nossa brasilidade outorga-nos o status de um povo acolhedor, receptivo, alegre e espontâneo, que são traços de conduta hoje estimulados até mesmo pelo mundo corporativo.

### O Espiritismo e Suas Raízes Brasileiras

Poucos anos após a publicação de *O livro dos espíritos* (18/04/1857), a brochura, *Le Spiritisme à sa plus simple expression* foi traduzido para a língua portuguesa e chegou ao Brasil em meados de 1863 sob o título *O espiritismo em sua mais simples expressão*. Fato noticiado pelo Jornal do Comércio e posteriormente pelo próprio Allan Kardec na Revista Espírita (WANTUIL e THIESEN, 1980).

Nesse período em que o Espiritismo chega ao Brasil, a religião oficial do Estado era o catolicismo. Certamente esse

não era o cenário ideal para o aparecimento de uma doutrina, que se anunciava como ciência e filosofia e ainda trazia em sua bagagem, os primeiros embates com o pensamento religioso ortodoxo. Em especial com a própria igreja católica que dois anos antes houvera ordenado, em Barcelona, a queima de trezentos livros espíritas.

Neste dia, nove de outubro, de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do Bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes de brochuras sobre o Espiritismo, a saber: *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec (KARDEC, 1997. p. 292)

Um dos principais divulgadores do espiritismo no Brasil, nesse primeiro momento, foi o baiano Luiz Olympio, que por receio a possíveis represálias por parte da igreja se afirmava católico apostólico romano e que, com o Espiritismo, buscava apenas defender os preceitos cristãos (FERNANDES, 2002). A principal e mais antiga revista espírita do país, *O Reformador*, fundada em 1883 trazia como subtítulo “mensário religioso do Espiritismo cristão”, modificado posteriormente para “revista de espiritismo cristão”, expressão essa jamais antes vista em outro lugar do mundo e adotada até hoje por muitos espíritas.

Segundo Stoll (1999), o Espiritismo no Brasil passou por um processo de reinterpretação, ganhando novo alento, adaptando-se à nossa realidade, *abrasileirando-se* e dessa forma perdendo seu caráter mais rígido de ciência experi-

mental, com uma maior ênfase religiosa, possibilitando uma maior simpatia com o povo brasileiro.

Para Camargo (1961), o caráter religioso do Espiritismo foi o principal responsável pelo sucesso da doutrina no Brasil e o traço mais marcante do que poderia se chamar de “Espiritismo brasileiro”. Que para muitos é considerado como uma adulteração ou mesmo deturpação dos preceitos kardecista e para Stoll (1999), é na verdade um ato criativo, uma reinterpretação particular, cultural e histórica, a versão original do *Espiritismo à brasileira*.

Não se pode negar esse fato quando se tem hoje o Brasil como o maior celeiro de espíritas do mundo em número de adeptos. E com um número ainda maior de simpatizantes, que mesmo adotando outra ideologia religiosa, recorrem às instituições espíritas em busca de socorro espiritual. Em contraposição observa-se o quanto o número de adeptos na Europa ainda é infinitamente inferior, inclusive na França, onde nasceu a doutrina.

Os centros espíritas, diferentemente do que ocorre nas igrejas, são livres e independentes para definir suas práticas como bem entendam. Assim, existem centros que optam por um alinha de trabalho eminentemente assistencial, com doações de cestas básicas e oferta de sopas. Outros optam pelos aspectos fenomenológicos, em especial as curas mediúnicas, alguns dão preferência ao estudo de seus aspectos filosóficos. Em síntese, acredita-se que o ideal seria a prática de todas as atividades, como expressão do aspecto tríplice do Espiritismo. Mas o que percebe-se no Brasil, é uma relação muito mais in-

tensa com as questões do tratamento espiritual dentro de uma relação de fé em um agente exterior, reproduzindo o que se tem nas outras religiões cristãs.

Onde mais senão no Brasil é possível ser católico, judeu ou protestante e mesmo assim acreditar em reencarnação. Pode parecer estranho, mas é isto que indica uma pesquisa realizada pelo Vox Populi (VARELLA, 2000: 78-82), segundo a qual 59% da população brasileira acredita que já teve outras vidas, apesar de somente 3% se declararem espíritas. Um contra-senso em qualquer outra parte do mundo, mas significa que pelo menos um dos princípios espíritas encontrou um ambiente propício para seu desenvolvimento em nosso país. (SILVA, 2002)

### Conclusão

O estudo em questão não tem um caráter conclusivo, não é a nossa pretensão. Nem mesmo outros trabalhos realizados nesse âmbito puderam colocar fim a essa polêmica sobre a forma como o espiritismo brasileiro é praticado e até que ponto esse se distancia ou não daquilo que foi preconizado por Allan Kardec.

O que percebemos é muito mais uma questão de ponto de vista, de interpretação pessoal, sujeito a todas as subjetividades inerentes à interpretação de um texto, do que propriamente falando uma contradição ou dubiedade dentro do que é proposto no conteúdo doutrinário deixado pelo pedagogo francês. O que há, sem dúvidas, é uma apropriação particular

de um povo sobre algo que lhe fora oferecido e dele recebeu sua influência natural, decorrente das peculiaridades inerentes a essa mesma gente.

Não se joga futebol na Europa como se joga no Brasil. O esporte foi criado por eles, mas ganhou a jinga do brasileiro e que não fruto de um gesto técnico específico ou mesmo do treinamento especializado. É algo que não se ensina. Como não dançaremos um tango com tamanha beleza e intensidade que o faz um bailarino argentino.

O que se deu com o Espiritismo no Brasil, na nossa concepção, foi apenas a priorização daquilo que para o brasileiro é mais importante: sua fé, sua relação com Deus, sua vocação natural para a transcendência. Para relações mais próximas, fraternas, solidárias, como era sugerida por Jesus aos seus discípulos. Onde a expressão utilizada como lema da doutrina, sugerida por Kardec, ganha uma atenção primordial em sua prática, “fora da caridade não há salvação”.

O que nos atrevemos a afirmar, é que certamente o espiritismo no Brasil só atingiu o nível de popularidade que temos hoje, graças a essa sua adequação à cultura brasileira. É difícil crer que essa mesma doutrina, seguindo os passos que deu na França e toda a Europa, muito mais metódica e pragmática seria aceita por um povo que é naturalmente crente. Não precisamos de muitas provas para tal conclusão, basta observar o quanto Allan Kardec é um completo desconhecido da grande massa de espíritas e simpatizantes se comparado a figuras como Bezerra de Menezes e Chico Xavier.

## Referências

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo, Pioneira, 1961.

FÁBIO, Luiz da Silva. *Revista Espaço Acadêmico*, out/2002, apud VARELLA, 2000: 78-82 (<http://www.espacoacademico.com.br/017/17cluiz.htm>)

FERNANDES, Magali Oliveira. *Vozes do Céu — Os Primeiros Momentos do Impresso Kardecista no Brasil*. Trabalho apresentado no NPO4 — Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 de setembro de 2002.

FREYRE, Gilberto, *Casa Grande e Senzala*, Editora José Olympio, 19<sup>a</sup>. edição, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 26<sup>a</sup>.edição 1995.

INCONTRI, Dora, *Para entender Kardec*, São Paulo, Lachâtre, 1<sup>a</sup>. edição, 2004.

KARDEC, Allan, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Araras, São Paulo, IDE, 349<sup>a</sup> edição, 2008.

\_\_\_\_\_, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Rio de Janeiro, CELD, 1<sup>a</sup>. edição, 2008.

\_\_\_\_\_, Allan, *O que é o Espiritismo*, Araras, São Paulo, IDE, 37<sup>a</sup> edição, 1997.

\_\_\_\_\_, Allan. *Revista Espírita, 1864*, São Paulo, Edicel, 1969.

STOLL, Sandra Jacqueline. “Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil”. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 45, n. 2, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012002000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000200003)

VALLE, Nadja do Couto. “Materialismo e espiritualismo na filosofia: sínteses e culminâncias”, in *Em torno de Rivail*. 1ª ed. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec* vol. 3, FEB, Rio de Janeiro: 1980.

## EDUCAÇÃO JESUÍTICA E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ATUALIDADE

*Juliana Pimentel Fernandes*

Aluna do 4º período do curso de História da UERN

*Vivianne Souza de Oliveira*

Prof. Dra. da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte — UERN

### Introdução

Ao tratar de educação, costumeiramente pensamos em práticas prontas que nos foram “passadas” ao longo do tempo, este trabalho tem por finalidade mostrar que as técnicas educacionais, assim como todo o processo Histórico, se configuram numa construção efetivamente favorecida por sujeitos como os Jesuítas, que no Brasil tiveram papel fundamental de facilitadores desse processo mesmo que, a princípio, suas técnicas atendessem apenas aos povos nativos e a uma minoria que compunha a elite metropolitana. Quanto a isso, Veiga (1991) afirma que:

A ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento, contra o pensamento crítico. Privilegiando o exercício da memória e o desenvolvimento do raciocínio; dedicavam atenção ao preparo dos padres-mestres, dando ênfase à formação do caráter e sua formação psicológica para o conhecimento de si mesmo e do aluno.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: Uma retrospectiva Histórica. In: *Repensando a didática/ colaboradores Antonia Osina Lopes...[ET AL.]*; coordenadora Ilma Passos Alencastro Veiga. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. p.26.